



Benjamin Ribeiro*

Creche de meio período?



©Jiri Hera/PhotoXpress

A falta de vagas nas creches brasileiras é motivo de muita preocupação e ocupa espaços generosos na mídia. Mais uma vez estou tratando desse assunto, no momento em que me deparo com uma notícia no jornal *Diário de São Paulo*, dando conta de que, na tentativa de cumprir a meta do prefeito da capital paulista, Fernando Haddad, de zerar a fila da creche em São Paulo/SP até 2016, a prefeitura quer criar vagas de meio período na cidade. A proposta passaria a valer já a partir do início de 2014.

Até o mês de setembro, oficialmente, a fila de espera por vagas em creches na capital paulista era de 156.982, mas sabe-se que esse número é ainda maior, ou seja, Haddad quer resolver o problema da falta de vagas nas creches como num passe de mágica, ignorando o problema das mães que trabalham e não têm onde deixar seus filhos, se realmente for levada a sério a promessa de acabar com o período integral. O secretário municipal de Educação, Cesar Callegari, nega que a medida seja uma artimanha da Prefeitura para alcançar a meta de zerar a fila da creche, deixando claro que a ideia não é precarizar ou aumentar o atendimento.



©Jrri Hera/PhotoXpress

O secretário defendeu também o uso de critérios socioeconômicos para a distribuição das vagas nas creches, o que realmente é mais justo, desde que se mantenha o tempo integral, que é a forma adequada de se atender a essa camada da população trabalhadora. A ideia da criação de creches surgiu na década de 1970, quando, com o aumento do número de fábricas, foram iniciados os movi-

mentos de mulheres e a luta por um local onde pudessem deixar seus filhos enquanto trabalhavam. No início, elas tinham um foco meramente assistencialista, mas, a partir da Constituição de 1988, do Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990 e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, a educação infantil foi colocada como a primeira etapa do ensino básico no Brasil.

A promessa anterior do prefeito Haddad era de se criarem 150 mil vagas de educação infantil até 2016, com a construção de 243 creches para 50 mil crianças e com convênios. Hoje o município tem 364 instituições, e as outras 1.258 são conveniadas, atendendo, no total, a aproximadamente 210 mil crianças. Como se vê, não fosse a iniciativa privada, o caos na educação infantil em São Paulo seria total.

Enquanto o impasse persiste e a prefeitura estuda o que fazer, dezenas de pessoas entram na Justiça para conseguir uma vaga para seus filhos. Estima-se que, diariamente, até 70 mães pedem ajuda à Defensoria Pública do Estado para ingressar na Justiça. Nos últimos dias, a Câmara Municipal aprovou, em primeira votação, o projeto do vereador Jair Tatto, que cria o auxílio-creche, um benefício que concede meio salário-mínimo (aproximadamente R\$ 400) para mães com filhos na fila da creche. Na gestão anterior, projeto semelhante foi barrado, pois o prefeito Kassab o considerou inconstitucional.

Esse problema da falta de vagas nas creches se arrasta há muitos anos e não podemos esperar que, agora, com medidas paliativas, em prejuízo das mães que não têm onde deixar seus filhos, a solução se arraste por mais uma gestão e por vários anos mais. ■

*Presidente do Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino no Estado de São Paulo (Sieeesp)

benjamin@einstein24h.com.br